

No meu tempo de professor

(PALESTRA NA ACADEMIA)

A. TEODORICO DA COSTA

Estou lembrado disto como se tivesse passado ontem o fato. O tempo, na sua ação destruidora, não conseguiu fazer-me esquecer aquele jovem, que, se não me engano, foi um dos nossos atuais confrades, aquela aula, muito silenciosa, respeitável sob todos os sentidos, ouvindo-se tão somente a voz do professor, que perguntava, e a voz do discípulo, que respondia. Entretanto, já se vão muitos anos!

Moços daquela época estão pais de família, velhos daquele momento acham-se decrépitos; eu, por exemplo, que venho para aqui ocupar a atenção desta plêiade tão ilustre, que é constituída pelos meus consócios, com semelhantes tolageiras, como esta que estou a ler para ser ouvida.

Uns bons pares de anos passados dessa ocorrência escolar! Entretanto, ainda estão nitidamente fotografados na minha retentiva o cenário e os seus atores.

Lecionava no Liceu Cearense a mais bela de tôdas as ciências. Dava a minha última aula de Geografia e, como era de praxe, versava ela sobre um apanhado sucinto da disciplina professada. E, discorrendo, falava sobre a formação do Universo, o aparecimento muito posterior da Terra, da nebulosa solar, de onde havia promanado depois a atmosfera e os seus fatores cósmicos componentes, as águas, os continentes nos seus esboços, os vegetais, os animais e, por último, o homem, remate o mais formoso e o mais completo do trabalho da Criação. Já tinha falado sobre os principais países da Europa e que fo-

ram o fiel do equilíbrio estável do Orbe, que hoje está êle mudado para os Estados Unidos da América Setentrional, nas bandas do ocidente, que no oriente lá está o Japão, com o seu progresso descomunal em tôdas as ciências, em tôdas as artes, em tôdas as indústrias, impondo-se ao respeito de tôdas as nações, sendo o árbitro supremo de tôdas as pendências suscitadas no continente. Já tinha tratado da Rússia dos tsares, imperialista, despótica, a ouvir-se por tôda a parte o *hoc volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas* do Imperador, e estava ali esperando que a sineta desse a badalada, marcando fim de aula. E, por estas alturas, ia explanando o assunto, no meio de uma atenção a mais respeitosa, parecendo que aquela juventude, ali reunida, sentia-se bem ao ouvir a palavra, desautorizada, desgraciosa e sem brilho, do seu bondoso professor. A Terra, como a natureza a fez, como foi transformada pouco a pouco pelo Homem, imprimindo-lhe sulcos pronunciados de progredimento, colimando assim um ideal de perfeição. Nesse resumo deficientíssimo que eu dava de minhas principais lições, em um relance de relâmpago, ao clarão do magnésio, punha sob os olhos da meninada, como um caleidoscópio maravilhoso, êsse deslumbrante cenário terrestre, com o quadro geral da Natureza e tôda a sua pompa e tôdas as suas opulências, da Humanidade e todos os seus labores.

Tinha por hábito proceder assim, porque sempre me dei bem com êsse sistema: fazer uma síntese, como que despertando a inteligência dos alunos, aviventando-lhes a memória, indo atrás, buscar no passado o que estava guardado carinhosamente, para ressaltar no instante em que uma indiscrição do professor quisesse pôr em prova a sabença da aula.

Terminei a preleção, despedindo-me com saudades daquela mocidade, que sempre amei na sua alicridade comunicativa, em suas alegrias perenes, nos seus sorrisos encantadores, e que amo ainda hoje, apesar de me haver afastado dos misteres da profissão.

Um dos jovens levanta-se e, dirigindo-se para mim, exclama:

—A aula deseja que o mestre lhe diga—qual a maior invenção do Orbe?

Pensei um minuto. Respondi então :

—O maior invento do Homem, o maior invento do Orbe, é a locomotiva. E' de 1829, essa sublime filha de Stephenson, que, por meio de mecanismos tão simples, atravessa inteiros continentes, sobe e desce serras escarpadas, penetra no âmago das mais elevadas montanhas, beira todos os rios, corta todos os córregos, abrindo horizontes de civilização, e estreitando cada vez mais as relações entre os povos, pois que ela descortina vastíssimas e virginais florestas ao trabalho do homem. E' a máquina-orgulho da espécie humana, que às vezes parece viver, respirar, palpitar e sentir. Vêde, lá vai ela com o seu ôlho ciclópico, esfumaçando, lançando brasas e fagulhas aos milhões, e, atrás, combóios imensos, animando assim a atividade comercial de aldeia a aldeia, de cidade a cidade, de nação a nação. Colocada nas fraldas dos Alleghanys, dará daqui a milênios, aos nossos porvindouros, o grau de adiantamento e civilização a que chegou a Humanidade no correr do século XIX. A locomotiva é o invento humano feito sob a inspiração de Deus. Em segundo lugar, vem o fonógrafo. Edison, um dos mais extraordinários homens do Orbe, deve ter sentido grande orgulho pelo invento dêsse aparelho, tão simples, tão admirável, tão maravilhoso. E' um invento verdadeiramente sublime. Refletí um pouco sôbre êle. Vêde o que êle faz, o que êle reproduz. Tudo o que nós quisermos! O terceiro lugar cabe à telegrafia sem fio, que é obra de três cientistas notáveis: Herr, Branly e Marconi. Está fadada para prestar à Humanidade serviços inestimáveis, quando for maior o seu raio de ação, por ora limitado às planuras terrestres, à vasta superfície do oceano. E foram indo os seus melhoramentos até que, rompendo dificuldades, agora mesmo comunica todos os lugares.

E mal terminava estas palavras, ouvia o badalar da sineta, avisando-me de estar finda a aula. Palmas e mais palmas. Saí rodeado daqueles jovens, que tanto cativavam a minha alma.

Já hoje, eu acrescentaria mais dois inventos: o rádio e a navegação aérea.

Fico estupefacto diante de um aparelho de rá-

dio. Não sei mesmo que construção é esta, de ondas curtas, de ondas compridas, para nos dar vozes e tudo o mais que nos pode proporcionar o seu mecanismo. Porque sabemos que, conhecida a telegrafia sem fio, era fácil aplicar-lhe o rádio; mas, chegar até nós a onda sonora, vindo dêste mundo de meu Deus, quando a atmosfera está ocupada por milhões de vozes, da França, da Inglaterra, da Alemanha, das Américas, de todos os lugares, que marcham com as luzes da civilização hodierna!

Aquí, nesta casa elegante, propriedade de um nosso amigo, existe um rádio, e eu ouvi na sessão passada belos trechos de música americana. Perguntei a mim mesmo como era aquilo, como tinham chegado a um recanto do nordeste brasileiro sons da música ianque...

A minha vontade era pedir aos Céus, em voz alta, na multidão indiferente, vida longa para o Sr. Marconi, para vermos se êle nos dará uma outra aplicação dêste rádio maravilhoso. A televisão, por exemplo.

E agora a aeronáutica, os aviões que singram os espaços, dia e noite, que carregam dinamite, que atravessam campos enormes em segundos e que hoje constituem a arma mais poderosa para uma guerra!

Srs. Tenho a pretensão de afirmar-vos que, no Ceará, não existe uma só pessoa que possa melhor do que eu apreciar êsse progresso nas avenidas dos Céus. E vos direi os motivos desta minha pretensão. Eu assistí tôda a discussão em tôrno do assunto, sôbre as possibilidades de uma solução. Quantos sábios, quanta ciência alí manifestada! Era um gôzo intelectual ver, de um lado, um pugilo de homens notáveis pelo saber, congraçados em tôrno de uma idea, a afirmarem categòricamente: não tem solução o problema. Êste grupo era capitaneado por Antíoco Faure, tendo para generais adjuntos Carlos Sampaio e Galdino Pimentel. Do lado oposto, os que asseveravam que o problema era perfeitamente resolvível. Alistavam-se nessa conta o grande Paulo de Frontin, como chefe, Paula Freitas, Agostinho dos Reis, Barão de Tefé e Manuel Pereira Reis, aquele

mesmo astrônomo que foi mais tarde o coordenador do plano financeiro do governo Campos Sales e de que Joaquim Murinho passou por ser autor.

Eu estava no segundo ano, não tinha base segura para compreender aquilo, demonstrado pela mecânica. De maneira que julgava as coisas pelo meu conhecimento daqueles homens, da minha maior simpatia.

Perderam os primeiros a cartada. Hoje, a navegação aérea é um fato; anda-se por tôda a parte, ou, melhor, corre-se vertiginosamente, com chuva e sem chuva, com vento e sem vento. Hoje, é o esporte dos corajosos, que vão ao Rio em poucas horas, almoçam no Recife e jantam muito cedo na Baía, atravessam os oceanos e vêm da Europa ao Brasil em dois dias, dois mil quilômetros, seguramente. Isto, para os mais cautelosos, porque, se derem volta ao botão, êles voarão com velocidade estupenda, só excedida pela da luz, que caminha 300 mil quil. por segundo de tempo, podendo nós ver a luz do Sol, que se acha a uma distância de 148 milhões de quil., em 8 minutos e 18 segundos.

Se aplicarmos essa velocidade aos aviões, admitindo-se que os corajosos resistam, podem êles ir ao Sol em sete minutos e meio, e dar a volta do equador terrestre 60 vezes no espaço de 8 minutos, ou 1 vez em 5 segundos. Entretanto, um trem de ferro, com o seu combóio, a 100 quil. de velocidade por hora, velocidade comum, poderia galgar aquela distância em dois mil meses, pouco mais ou menos, ou 167 anos. O que quer dizer—que o empreendedor de uma tal viagem não chegaria ao fim dela, a menos que vivesse como Matusalém. E' uma viagem para duas gerações, a 83 anos cada uma.

Isto foi ontem; entretanto, o tempo impregnou já os seus vestígios em todos nós. Eu, velho, deixando o inverno da existência, para mergulhar nas profundezas dêsse insondável segrêdo, dêsse apavorante mistério, que o homem, em suas grandes lucturações, jamais compreendeu, para decifrá-lo.

Os estudantes, uns, médicos estudiosos, engenheiros inteligentes, bacharéis ilustrados, outros, comerciantes laboriosos, farmacêuticos distintos, odon-

tologistas habilitados, professores magníficos e famosos, todos êles já nas aproximações do cimo da montanha, dando adeuses à primavera da vida, se começam a descambar. Cantam ao Sol, em festivas madrugada, as baladas da juventude e do amor.

Verdes anos, hino de felicidade da existência humana. Amor, ideal sublime de tôda a humanidade.

E o tempo a destruir tudo, menos a saudade, que em mim é imperecível. A saudade dos meus dias de ontem, das minhas aulas de Geografia, de minha mocidade, de tudo o que não pode ter a velhice, com o seu cortejo de sofrimentos, de dôres, de desilusões.

Dias felizes aqueles !
